

EDITORIAL

A esperança parece ser cega. É guiada por uma anteninha. Silenciosa e repentina, diria Clarice Lispector, é mágica, porque quase não a percebemos chegar. E de repente chega. Eis-nos aqui, sonhando um pouco, enquanto o pesadelo da pandemia é muito real. Mas quem disse que a realidade também não nos cega? Ela vem rápido e, de cara, nos retira a esperança, como se um mundo diferente não pudesse existir. Apesar dos pesares, é preciso que reconheçamos que estamos aqui e agora resistindo na arte e na ciência.

E, neste exato momento, quando a ciência nos traz, não mais tão devagarinho, a vacina como uma esperança, como magia, a arte nos ajuda também a viver e a ver que a esperança não foi engolida pela aranha. Há inúmeras provas disso. Por isso, mesmo diante de governos negacionistas, compreendemos que ninguém paralisa a Arte e a Ciência. Resistimos e vivemos na realidade, esperançando o que há de melhor.

Nessa visada, continuamos vivendo, lutando e produzindo, porque essa é a nossa vida e esse é o nosso trabalho, queiram ou não queiram os que insistem em negar a importância da Ciência e da Arte. A partir dessa constatação inequívoca, apresentamos, com muita alegria, caros(as) leitores(as) da Encontros de Vista, a 26ª edição, cheia de surpresas, no melhor estilo freiriano, porque nos movemos enquanto lutamos, e lutamos com esperança.

Em *O livro didático de língua portuguesa e os descritores do SAEPE do 3º ano do ensino médio*, Gilvana Barbosa e Ewerton Luna discutem como a coleção de livro didático de uma escola do agreste pernambucano contempla descritores na matriz de referência do SAEPE durante o ensino médio. Concluem enfatizando a importância da compreensão dos impactos de exames como o SAEPE na escola, não por conta do alcance de certa média, mas para que se expanda o acesso de recursos disponíveis para ampliação do conhecimento do alunado de forma prática.

Lígia Alves e Marcela Paim, em *Denominações para o filho que nasceu por último nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, discorrem sobre a variação lexical na designação em estudo. Mostram, a partir de um estudo das denominações usadas em cinco cidades do estado de São Paulo, a partir de uma análise da variação linguística baseada na faixa etária, no sexo e escolaridade dos informantes, que há variação diatópica nas localidades pesquisadas.

O artigo intitulado *O que revelam as provas de linguagem do ENEM de 2017 e 2018 sobre os conhecimentos linguísticos mais deligenciados*, escrito por Emmanuella Farias de Almeida Barros e Ewerton Ávila dos Anjos Luna, propõe-se a analisar duas edições (2017 e 2018) da prova do ENEM de Língua Portuguesa, buscando categorizar as atividades nelas encontradas; e identificar quais os conhecimentos linguísticos são mais requeridos nas questões referentes ao português. Os resultados da pesquisa indicaram que as questões mais requeridas na prova são perguntas sobre interpretação de texto, evidenciando, para nós, um ensino que esteja alinhado com tais conhecimentos, a

fim de que os alunos tenham um bom desempenho e possam alcançar seus objetivos pessoais e profissionais.

No artigo *O gênero “projeto de pesquisa” em férias de ciências: um ensino construtivista*, Genilda Rosa da Conceição e Valéria Severina Gomes apresentam uma reflexão sobre o gênero projeto de pesquisa e aprendizagem significativa, a partir da proposta de feiras de ciências em contextos escolares e a percepção do letramento científico como um caminho para emancipação dos sujeitos, uma possibilidade de tornar os indivíduos independentes na busca por soluções de problematizações de interesse individual e social. As autoras defendem que a prática da pesquisa no cotidiano escolar e a participação em feiras de ciências incentivam que o estudante seja um produtor de conhecimento, tornando o ambiente mais dinâmico e atrativo.

Ao analisar a obra *Jeremias Pele*, uma história em quadrinhos ligada à série da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, os autores Rafael Felipe de Melo e Renata Teixeira Pimentel, no artigo *Jeremias: o racismo estrutural na pele*, discutem que a trajetória do personagem é permeada pelo racismo, o que lhe causou apagamento em relação ao cartel de personagens relevantes. O personagem só chega ao patamar de protagonista e com uma história relevante quando passa a ser escrito por artistas negros e traz à tona as discussões raciais, evidenciando o racismo estrutural que influencia diretamente o contexto cultural.

Júlio César F Vila Nova, no artigo intitulado *O programa idiomas sem fronteiras na UFRPE: histórico e desdobramentos*, apresenta um panorama da área de línguas estrangeiras na UFRPE, com enfoque no Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), política pública nacional criada em 2012 para incremento da formação em idiomas. Um dos resultados importantes foi a oferta de cursos de idiomas (francês, espanhol, inglês e português como língua estrangeira) a distância, como enfrentamento do desafio imposto pela pandemia, a partir de 2020.

Seja discutindo língua e literatura, seja discutindo políticas ou programas de ensino-aprendizagem de língua, movemo-nos na produção acadêmica e oferecemos, com essa edição, uma forma de esperar e de viver enquanto ainda aguardamos o controle da pandemia. Que a esperança magrinha e mágica chamada vacina imponha mudanças, inclusive no comportamento dos negacionistas, de modo que a realidade se transforme. Com a 26ª edição da Revista, temos a certeza de que encontros entre ciência e arte, no fazer acadêmico, promovem o conhecimento e a cultura. Aproveitemos a leitura e tenhamos esperança em dias melhores!

Mizael Inácio do Nascimento
Sandra Helena de Melo
Valéria Severina Gomes